**RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**
**Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Revue Latino-américaine d'Études sur la culture et la société | Latin American Journal of Studies in Culture and Society**

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

# A mulher na jaula do capital: o corpo feminino como campo de disputa

**Lívia Aguiar Martins**[1]

**Maria Luiza Imenes Nobre de Almeida**[2]

**Miguel Rufino Reina Soares**[3]

**Waldenilson Teixeira Ramos**[4]

**Resumo**

Face às ameaças contemporâneas aos direitos das mulheres e à ascensão de uma onda neoconservadora global, este trabalho analisa, por meio de uma revisão bibliográfica de caráter genealógico, os dispositivos de poder que estruturam a dominação do feminino. A partir de um diálogo com Foucault, Preciado, Federici e Wittig, argumenta-se que o corpo feminino é um território estratégico, alvo de tecnologias de poder que visam controlar seus potenciais — especialmente o trabalho (re)produtivo — para a manutenção e reprodução da ordem capitalista. A análise percorre desde a caça às bruxas até o presente, demonstrando como a subalternização do feminino é um pilar desse sistema. Por fim, conclui-se que a compreensão desses mecanismos de opressão é o passo fundamental para a articulação de práticas de resistência, visando a emancipação do corpo e da subjetividade das estruturas que os confinam.

Palavras-Chave: Capitalismo; Corpo; Discurso; Dispositivo; Feminino.

## 1. Introdução

No dia 27 de novembro de 2024, a Comissão de Constituição, Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara aprovou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que proíbe no país o aborto, desde a concepção e independente de qualquer circunstância (Boechat, 2024). Essa proposta nasce do crescente fascismo brasileiro que, nos últimos anos, tem tomado proporções exponenciais vinculadas à disseminação do bolsonarismo. É notável o teor conservador da PEC e a violência que ela inflige à vida feminina, pois restringe o direito das mulheres sobre o próprio corpo, além de desconsiderar os aspectos psicológicos e socioeconômicos que atravessam uma gravidez. Em suma, o acontecimento revela o descaso com as mulheres brasileiras e se apresenta como evidência das múltiplas formas de controle sobre o corpo feminino, em especial, sobre a performance e a liberdade sexual feminina.

Além disso, assistimos ao retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos

[1] Graduanda de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; liviaaguiarmartins@id.uff.br
[2] Graduanda de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; maluimenes@gmail.com
[3] Graduando de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; mi_rufino@id.uff.br
[4] Mestrando de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; waldenilsonramos@id.uff.br

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

em 2025 e ao assentamento do neoconservadorismo na geopolítica mundial, com a queda de governos liberais e a ascensão da extrema direita. Esse cenário dá força aos políticos conservadores brasileiros, especialmente à ala bolsonarista, que presenciou pessoalmente a posse do presidente americano reeleito. Logo em seu primeiro dia de mandato, Trump declarou que a política oficial só reconhecerá homens e mulheres, afirmando uma suposta "essência biológica" humana (G1, 2025).

A partir disso, fica explícita, inclusive nos meios de comunicação de massa, a disputa acirrada acerca dos dispositivos de poder sobre o corpo. O discurso vencedor tem sido o de uma violenta invasão do corpo, principalmente o feminino: a mulher trabalhadora, além da exploração proletária, é duplamente sobrecarregada com os trabalhos reprodutivo e de cuidado, incidindo sobre seu corpo um intenso sofrimento psíquico ancorado à questão patriarcal capitalista. Tal marcação associa o feminino à falta de razão, característica fundante das figuras da "louca" e histérica; o homem será aquele encarregado pela razão, o ser que permite a existência deste sexo secundário (BEAUVOIR, 1970), pois daria o que falta e completaria um vazio fálico tão (supostamente) desejado. Nesse sistema enclausurador, a "natureza da mulher" se consagra como uma das falácias fundantes.

Tal cenário urgente nos leva a repensar os discursos emergentes sobre o feminino e a analisar as maneiras como os dispositivos de poder sociais atravessam e estruturam a mulher. Torna-se, pois, importante traçar tais genealogias do feminino, ao notar que se engendra uma política de controle do corpo e sua utilização para a manutenção de um sistema tão díspar que é o capitalismo. A genealogia dentro do campo de gênero busca analisar e negar as ideias de essências e valores hegemônicos, ao criticar o fundamento antropológico do sujeito (MORAES, 2018). De modo que, analisando as estratégias dos jogos de enunciação, formamos uma frente a essa nova configuração que remonta a uma trama de subjugações que antecedem o século XXI, interligada ao sistema geopolítico atual. Além disso, consideramos necessário não apenas dissecar analiticamente tal sistema tão nocivo àqueles subjetivados em jaulas, mas também pensar caminhos para combatê-lo: começamos por uma trilha na qual a raiva organizada e a revolta social se tornam elementos significativos para a afirmação de valores múltiplos e do desejo revolucionário criador de mundos outros (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

Este manuscrito almeja descrever e denunciar como a articulação capitalista opera sobre os corpos ditos do sexo feminino através do controle e exploração do trabalho reprodutivo e da produção de discursos simbólicos sobre o feminino. Nessa perspectiva, busca-se analisar a relação entre dispositivo de sexualidade, produção de subjetividade, subalternização da mulher e manutenção da máquina capitalista, utilizando como base os métodos genealógicos de Foucault

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

(1996) e Federici (2023). Partindo do compromisso com uma psicologia que se encontre imersa no social e em uma posição crítica, pretende-se detalhar o caráter violento do projeto político de controle dos corpos femininos, que objetivamente produz, dentre outras consequências psíquicas, repressão e sofrimento na vida das mulheres inseridas nesse sistema. Diante dos embates políticos multidimensionais que perpassam a posição social do corpo feminino, como podemos pensar a conjuntura elemental da dimensão capitalista do encarceramento do feminino em planos discursivos, emocionais e nas produções de subjetividade de nosso tempo?

Este estudo se estrutura como fruto de debates realizados em um grupo de estudos autônomo em Psicologia Social Crítica e dos estudos da perspectiva da transdisciplinaridade, realizados na Universidade Federal Fluminense, ambicionando o fortalecimento de um fazer psi crítico e politicamente ancorado ao território. Para a construção desse texto, tornou-se essencial o apoio bibliográfico em autores que confluam discussões sobre poder e dispositivo de sexualidade feminina. A partir desse arcabouço teórico, alinhado a pesquisas de gênero e subjetividade, começamos a buscar uma genealogia desses complexos de saber-poder, tentando compreender como os dispositivos de sexualidade, as construções de gênero e os discursos simbólicos sobre o feminino contribuem para a manutenção do controle dos corpos, da reprodução e da imaginação coletiva, funcionando como mecanismos de sustentação do capitalismo.

Encontramos caminhos possíveis através de autores como Michel Foucault (1983, 1996, 1999), Silvia Federici (2023) e Paul B. Preciado (2022), que nos apontam a dimensão sufocante que as estratégias de dominação podem tomar. Nesse sentido, analisamos discursos que instituíram um controle massivo na enunciação da verdade feminina, ao cercear a possibilidade de narrar e subverter a estruturação violenta da mulher trabalhadora do sistema capitalista. Além disso, nos apoiamos em autores como Deleuze e Guattari (1995), Monique Wittig (2022) e Audre Lorde (2019) para compreender que o caminho revolucionário não deve ser melancólico, mas afirmativo de uma posição de revolta organizada, que visa uma ética de exponencialização das potências da mulher, e não o encarceramento destas, como ocorre no capitalismo.

## 2. Dispositivo e discurso: corpo enjaulado no gênero

Na obra “Eu sou o monstro que vos fala”, Paul B. Preciado desenvolve sua ideia de “jaula” (PRECIADO, 2022a). Em seu discurso, o autor cita o texto “Um relatório para uma academia”, de Franz Kafka (1994), narrativa ficcional de um macaco que aprende a linguagem humana e se apresenta para uma academia científica, a fim de lhes apresentar o que a evolução humana havia lhe significado. No decorrer da história, o macaco, que se intitulava


Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Pedro Vermelho, traz à tona que, durante seu processo de humanização, a forma que encontrou para não morrer em sua jaula foi transicionar para a "jaula" da subjetividade humana. Preciado denuncia, a partir disso, que o gênero lhe aprisionava, encarcerava o corpo a um saber-poder que lhe fazia ficar preso ao binarismo. Além disso, é possível ver em suas obras a ideia de que esse próprio binarismo é também uma construção, uma arquitetura:

> Arquitetos e historiadores do design me ajudaram a ver os corpos e as sexualidades como efeitos específicos de técnicas construtivas e visuais [...] Se a arquitetura é uma tecnologia política para fabricar o espaço social, então os corpos também podem ser entendidos em termos arquitetônicos (PRECIADO, 2022b, p. 11).

Entendendo a 'tecnologia política' como arquitetura, os dispositivos de poder, conforme proposto por Foucault (1999), permeiam a sociedade com estratégias de dominação que constituem um jogo contínuo e silencioso, visando produzir saberes, verdades e um plano de forças. Se pensarmos o corpo nesse sentido que Preciado nos apresenta, passamos a enxergá-lo como bricolagem, um texto socialmente construído (PRECIADO, 2022b, p. 37), o que coloca em questão: como se escrevem as linhas que delimitam um corpo macho e um fêmea? Eis o dispositivo: um mecanismo tecnológico que não tem em suas potências uma força apenas repressiva, mas também inventiva, criativa; é localizado, mas não centralizado, ele irradia dos bueiros das escolas, ralos de hospitais e das solitárias das prisões (FOUCAULT, 1983). Cada instituição coloca no corpo um texto, este se articula com o outro, e quando se nota, o corpo já é uma redação pronta, está inscrito nele o texto completo do que fazer, do que obedecer.

A perspectiva foucaultiana de dispositivo nos aponta para a existência de diferentes elementos que tomam o discurso, a arquitetura, os enunciados científicos e diversas outras construções simbólicas e materiais, de forma a responder a uma determinada emergência histórica, trabalhando a favor da solidificação de uma verdade dominante, ao mesmo tempo que reprime violentamente outras formas de existência. O poder das tecnologias molda corpos dóceis: molda, pois cria uma subjetividade condizente com o sistema social que está em jogo; dóceis, pois são adequados e produtores ativos do que lhes for requerido (Foucault, 1996). Entende-se, pois, que o discurso verdadeiro está mais ligado a uma gama de disputas com frentes múltiplas, do que a uma centralidade hierárquica que emana e concede permissão, compondo, assim, um jogo no qual é imposta a verdade. Dessa maneira, se evidencia que tais identidades apontadas ─ fêmea, macho, homem, mulher ─, não são essências, mas imposições, estabilizações de práticas que não são imparciais, tendo sentidos e propósitos claros. Os dispositivos de gênero e sexualidade consistem em um conjunto de

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

práticas que almejam tomar a corporeidade e moldá-la a favor da verdade estabelecida, noção que supera a ideia de essencialismo biológico ao apontar que essas identidades emergem de maneira historicamente localizada, fruto de uma disputa de forças que tem como alvo o corpo e o sujeito (Foucault, 1984). Conclui-se, então, que é dessa maneira que se pode "escrever" um corpo fêmea e uma subjetividade mulher, sendo esses constantemente investidos pelas tecnologias de poder que objetivam manter a disciplina dos corpos dóceis.

Munidos dessa perspectiva, compreende-se que, a partir das contribuições da análise foucaultiana, as tecnologias discursivas e os dispositivos de saber-poder incidem sobre a sexualidade e o gênero, possibilitando a emergência dessas categorias como centrais no governo dos corpos e das subjetividades. Como forças de subjetivação, essas categorias não apenas organizam a experiência dos sujeitos, mas também articulam práticas discursivas e não discursivas que estabelecem regimes de verdade e normatividade. O biopoder, enquanto forma de governo da vida, mobiliza dispositivos específicos para a regulação e normatização da sexualidade e do gênero, inscrevendo-os em um campo estratégico no qual saber e poder se entrelaçam na administração dos corpos e na condução das almas.

Nesse contexto, é possível identificar três dispositivos distintos que operam na articulação entre o saber-poder e os modos de regulação da sexualidade e do gênero (MORAES, 2018). O dispositivo disciplinar incide sobre o corpo individual, instaurando técnicas de adestramento e normatização que produzem uma anatomia política dos sujeitos e uma microfísica do poder, delimitando padrões de conduta e formas legítimas de expressão da sexualidade e do gênero. Já o dispositivo de segurança desloca a governamentalidade para a população, desenvolvendo uma biopolítica que regula a vida em escala coletiva, controlando a reprodução, a saúde e os comportamentos sexuais através de estatísticas e normativas que orientam condutas socialmente aceitáveis. Por fim, o dispositivo da sexualidade emerge como um eixo central de questionamento e intervenção, ao definir, classificar e hierarquizar identidades e desejos, inserindo-os em uma lógica de regulação e controle que atravessa tanto os corpos individuais quanto a gestão das populações (MORAES, 2018). Dessa maneira, a sexualidade e o gênero se constituem como tecnologias de governo da vida, não apenas pelo controle dos corpos, mas pelo estabelecimento de mecanismos que orientam a produção de subjetividades dentro de um campo de poder, saber e normatividade.

Ao estabelecer esse jogo, os discursos fingem que não foram ditos por alguém; pelo menos, ninguém de nosso mundo ou de nossa história o teria dito. Estava posto quando chegamos; só precisaríamos nos lembrar dele, revelar as essências por trás dos simulacros,

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

buscar a verdade. Esse poder, então, faz-se transcendente, como há muito tempo Platão teria feito com seu conceito de Ideia: metafísico, o imutável por detrás do fluido, aquilo que dá a forma aos objetos sensíveis. Esse determinante que não pode ser determinado por algo além de si mesmo, seria o fantasma da origem: estaria sempre a voltar e limitar o objeto sensível, pois ele é somente um simulacro da Ideia, sua capacidade de ser é atrelada a ela. Esse mundo das Ideias foi por muito tempo o refúgio do discurso: não é necessário mostrar seu viés, basta esclarecer aos humanos que ele antecede sua existência, não há o que fazer contra. E assim, ele foi cristalizando os corpos, cujos moldes apareciam e os usavam como argila: o corpo cartesiano, por exemplo, é um modelo metafísico no qual há uma primazia da mente sobre o corpo, ela o comanda e possui a razão.

Na linha de pensamento deste artigo, buscamos mostrar que, enquanto a origem atropela gerações com seu fantasma imortal, a genealogia busca mostrar que o eterno nem sempre esteve ali, revelando os caminhos pelos quais ele passou e como este modelo social ou a Ideia vieram a tomar corpo (MORAES, 2018). Pois, enquanto se criam modelos e valores, é pensado muito em sua transcendência, mas se esquece de que são algo "humano, demasiado humano" (NIETZSCHE, 1987). A própria suposição do homem como verdade eterna é posta em questão, é preciso duvidar dos conceitos enquanto reveladores de algo escondido, ver as coisas não mais como representações, mas como processos, entender que "o homem veio a ser, até mesmo a faculdade do conhecimento veio a ser" (NIETZSCHE, 1987). O perigo em crer nas essências é cair na armadilha de crer que há uma razão transcendente para a função de tal coisa, que ela não fora historicamente criada, mas sim por um propósito metafísico. A própria Bíblia serve como um exemplo dessa teleologia, ao perceber-se que no momento da criação dos humanos, a mulher é ontologicamente secundária, feita com uma costela de Adão, é o sexo inferior, tem sua vida graças ao homem. É preciso martelar tais ídolos de pés de barro e abrir caminho para as potências do corpo, fazer ver que a forma não é eterna, mas localizada temporalmente.

Traçando paralelos com a sociedade hodierna, podemos observar que há uma tentativa de fundamentar a verdade do ser em um grau zero, uma falsa essência ancorada na biologia (PRECIADO, 2022b). Podemos analisar os movimentos políticos do neoconservadorismo americano, aos quais o bolsonarismo busca inspiração: a ordem executiva de Trump denominada "Defendendo as mulheres do extremismo da ideologia de gênero e restaurando a verdade biológica ao governo federal", que retira qualquer apoio financeiro e proíbe políticas de diversidade de gênero, expõe claramente mais um ataque à corporeidade (G1, 2025). Além disso, tal perspectiva essencialista fortalece um discurso que subalterniza


Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

a figura feminina, colocando como natural para a mulher a submissão e a sobrecarga. Para além disso, a disseminação dessa visão atende aos interesses capitalistas e é motivada por essas mesmas forças, superexplorando os corpos femininos. Esse discurso do "verdadeiro lugar" que a mulher deve ocupar, a posição social que deve ter em relação ao homem, não tem laço com uma essência, mas com toda uma construção tecnológica e teleológica que está atrelada a uma realidade histórica. Neste caso, o capitalismo necessita axiomatizar essa suposta natureza, de modo a inscrever posições hierárquicas dentro da estrutura de produção para a extração de mais-valia (FEDERICI, 2023).

Essa construção discursiva é feita no momento em que a relação de saber-poder a eleva a um estatuto de visibilidade e dizibilidade. Nas sociedades disciplinares, o poder carrega características que se ancoram em ferramentas de vigilância constante, panóptica, visando a produção de efeitos na subjetividade, e, de maneira sincrônica, cria discursos e tecnologias diversas que dizem sobre a vida e o corpo, com suposta legitimidade. Dentre os inúmeros exemplos contemporâneos de panoptismo institucionalizado, estão o monitoramento do comportamento de usuários em redes sociais e a comercialização de dados, além de sistemas de crédito social e policiamento preditivo. Nesse jogo de forças, composto pelas mais diferentes ferramentas, o que se objetiva é a regulamentação da corporeidade e a captura da existência. E é justamente através da naturalização dessas relações construídas que se dá essa forma de governo: dessa forma, a tomada do gênero enquanto verdade de ordem biológica, e não social, objetiva naturalizar essa categoria, inibindo e obstruindo as tentativas de desconstrução da mentalidade binária e afirmação de identidades outras. Diante disso, Preciado (2022b) retoma que o gênero e o sexo são, fundamentalmente, construções, arquiteturas políticas.

Nessa conjuntura, pode-se ver como a mulher sofre e adoece psicologicamente sob um discurso que reduz sua potência de vida, além de cristalizar sua relação com o homem e o mundo a partir de uma posição subalternizada (DELEUZE, 2002). Há uma articulação discursiva que opera baseada na constituição e controle da diferença e que, ao normatizar o papel produtor e reprodutor do feminino, limita o simbólico e a imaginação de mundos outros, sentenciando a mulher a ter seu inconsciente colonizado (ROLNK, 2011). Essa heteronormatividade prevê um lugar estabelecido, um destino cruel ao corpo feminino, estipulando os termos do jogo político:

> As imagens pornográficas, os filmes, as fotos de revistas, os pôsteres publicitários que vemos nas paredes das cidades, constituem um discurso, e este discurso cobre o nosso mundo com os seus signos, tem um significado: as mulheres são dominadas. [...] Este discurso não só mantém uma relação muito próxima com a

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

> realidade social que é a nossa opressão (econômica e politicamente), mas, igualmente, é em si próprio real já que é um dos aspectos da opressão, já que exerce um poder bem definido sobre nós. O discurso pornográfico é uma das estratégias de violência que são exercidas sobre nós: ele humilha, ele avilta, ele é um crime contra a nossa "humanidade". Como técnica de assédio tem uma outra função, a de ser um aviso. Ordena-nos que nos mantenhamos na linha e mantém na linha aquelas que teriam tendência a esquecer quem são; esse discurso chama o medo (WITTIG, 2022, p. 60).

Pensar nos discursos leva a repensar a dimensão subjetiva do humano e o quanto ela é atravessada pelos complexos de poder-saber, que criam e inundam o corpo, disciplinarizado pela lógica vigente. Nesse jogo, operam forças discursivas, econômicas, jurídicas, arquitetônicas e diferentes enunciados que, juntos, sustentam um mesmo ideal político e dão corpo às dinâmicas de poder, cristalizando verdades e, por vezes, escondendo esse caráter territorial e temporal que sustenta o dito e o não-dito (Foucault, 1996). Essa noção de dispositivo disciplinar evidencia uma organização política que não se baseia na centralização do poder, mas justamente na sua disseminação por todo o tecido social e na invasão de todas as camadas da sociedade, eclodindo por todos os lados.

A corporeidade ocupa um lugar central nessa forma de governo, visto que, ainda em análises foucaultianas, é justamente sobre a existência biológica e corporificada dos sujeitos que se exerce o poder. A sexualidade, a natalidade, a força produtiva e diversas outras instâncias sofrem constantes investidas de controle por esse governo do bios. Nesse sentido, desvela-se o motivo pelo qual a existência política feminina é tão marcada, por exemplo, pela questão da criminalização do aborto (BOECHAT, 2024). O corpo feminino é um campo problemático, pois evidencia as instâncias sobre as quais as sociedades disciplinares podem se construir e se sustentar. As forças de dominação do capitalismo se reatualizam numa velocidade incomensurável para manter a existência feminina ancorada a uma subjetividade compatível com o sistema: a mulher enquanto ser produtor e reprodutor.

### 2.1. Se o gênero é uma jaula, o carcereiro é o capital

Compreendemos aqui que o corpo é político, um território de guerra no qual se exprimem as inúmeras disputas de poder. Essa disputa cruel vem sendo vencida pelo capital, que, por transformar trabalho em mercadoria, subordina o corpo proletário a um processo de trabalho convertido em estranhamento de si, numa alienação desenfreada. A prática de separação do corpo e da mente, como empreendida pela burguesia no processo de fabricação de uma subjetividade-proletária, incorre em um pressuposto metafísico que cumpre a função de fincar o corpo como meio de produção, uma máquina de trabalho primária,


Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

capturando toda a força imanente que tem o desejo enquanto produção inventiva de si e do mundo (Deleuze, Guattari, 1995). As investidas da burguesia que visam capturar o corpo na lógica de trabalho capitalista têm como objetivo o controle da força de trabalho, a maximização da produção e a cristalização da verdade liberal que acompanha essa virada política, econômica e ideológica.

Nesse sentido, Silvia Federici (2023) demonstra como o controle do trabalho reprodutivo e a alienação do corpo feminino se tornam pilares essenciais para a construção e manutenção do capitalismo, traçando caminhos a partir da caça às bruxas, na Europa na Idade Média, até a atualidade. Em relação a uma genealogia da violência contra as mulheres, Federici se vale das postulações foucaultianas para apontar como as instituições de poder se localizam não apenas como produtoras de discursos sobre a produção da sexualidade feminina, mas também como reguladoras do trabalho reprodutivo, denunciando os mecanismos de visibilidade e dizibilidade que pavimentaram o terreno para a fundação da disciplina capitalista:

> A caça às bruxas não só condenou a sexualidade feminina como fonte de todo mal mas também foi o principal veículo para levar a cabo uma ampla reestruturação da vida sexual, que, ajustada à nova disciplina capitalista do trabalho, criminalizar qualquer atividade sexual que ameaçasse a procriação e a transmissão da propriedade dentro da família ou que diminuísse o tempo e a energia disponíveis para o trabalho (FEDERICI, 2023, p. 357).

Para a autora, o curso de dominação dos corpos se inicia através de uma necessidade da classe dominante de tentar controlar processos biológicos, visando um maior domínio do processo produtivo. Diante disso, o corpo foi tomado como alvo em diversos sentidos, marcando o início de um processo de alienação do trabalhador, cujo objetivo é o controle de suas necessidades físicas para canalizar a energia na produção. Para tal, o capitalismo explora brutalmente o proletariado, processo marcado por divisões violentas entre mente e corpo, que se baseia em uma mecanização dos corpos a partir de uma filosofia cartesiana, na qual a diferença entre homem e bicho está na racionalização, no pensamento do indivíduo. Para se instituir soberana, uma classe precisava dominar hierarquicamente a outra, assim como foi instituída uma relação hierárquica de supremacia entre mente e corpo. Essa dissociação da corporeidade foi uma importante premissa teórica para o desenvolvimento capitalista:

> A supremacia da mente sobre o corpo implica que a vontade pode, em princípio, controlar as necessidades, as reações e os reflexos do corpo; que pode impor uma ordem regular sobre suas funções vitais e forçar o corpo a trabalhar de acordo com especificações externas, independentemente de seus desejos. [...] ao difundir-se, o Poder não perde sua força ─ quer dizer, seu conteúdo e seus propósitos-, ele simplesmente adquire a colaboração do Eu em sua ascensão. [...] Como

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

> demonstrou Foucault, a mecanização do corpo não abarcava apenas a repressão dos desejos, das emoções e de outras formas de comportamento que tinham de ser erradicadas; também abarcava o desenvolvimento de novas faculdades no indivíduo que apareceriam como outras em relação ao corpo, e que se converteriam e agentes de sua transformação. O produto dessa alienação do corpo foi, em outras palavras, o desenvolvimento da identidade individual, concebida precisamente como "alteridade" em relação ao corpo e em perpétuo antagonismo com ele (Federici, 2023, p. 279 - 285).

A dicotomia cartesiana segue no seu processo de separação ─ agora, não só estanca o desejo, como impede as formações rizomáticas, ao trazer o caráter individual do Cogito. O modelo de sujeito aqui delineado é o capitalista: individualizado e dissociado do próprio corpo. Essa ascensão do Eu implica uma colonização do inconsciente e da força afirmativa e criativa que é o desejo. O objetivo capitalista é o controle do erótico para fins (re)produtivos, propositalmente antagonizando a razão e o corpo.

Outra formulação relevante sobre o sujeito moderno, que reforça essa separação entre corpo e mente e restringe seu potencial criador, está nas teorias essencialistas da natureza humana: procurava-se encontrar qual era a determinação humana, o que lhe moldava a agir da maneira que agia. Hobbes, por exemplo, enxergava a inevitabilidade do exercício de um governo tirânico tendo em vista a natureza agressiva humana, onde o contrato social nascia para evitar a morte e o caos, regendo a ordem. Essas questões estão ligadas com uma cena originária que assombra o ser e aprisiona as possibilidades de mudança que se pode ter. O projeto moderno se alia ao capitalismo para subjetivar os corpos dessa maneira, impedindo uma reflexão crítica de sua existência, pois estão cristalizados em um território transcendente, sem se dar conta de que está em jogo um atravessamento social, uma história e geografia intrínsecas à existência. Logo, a produção e desterritorialização de territórios, efeito dos encontros que nos afetam e afetamos, é estancada (ROLNIK, 2011) ─ quando a essência do humano é traçada, essa natureza controla seu desejo e impede qualquer agenciamento outro, uma rota lhe é imposta e perde-se o caráter revolucionário do desejo, da produção inconsciente (DELEUZE, 1992).

Entretanto, essa natureza não equivale a todos: o jogo afeta os humanos de maneiras diferentes, há toda uma formulação de nichos para explorar e segregar. Notam-se, assim, as separações por raça, classe e gênero. Cada divisão tem uma importância na manutenção do sistema de exclusão social que o capitalismo promove. O racismo e a marginalização sistêmica do corpo preto, principalmente a mulher preta, não são separáveis do jogo enunciativo e material que o capital impõe ─ o destino, a essência, do preto não é, a priori, como no branco, mas uma conquista: a teleologia do preto é tornar-se branco (FANON, 2008).


Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Os elementos da cadeia social formam um sistema de faltas no qual o homem branco hétero e cis é o único completo, enquanto os outros devem percorrer um grande caminho para se tornarem como ele, completos. Essa escavação do humano, a clivagem de suas potências, novamente aprisiona a existência em ideais transcendentes, um falo inalcançável, um ideal de Eu que nunca se concretiza, martelando a mente com ideais ascéticos e culpa (NIETZSCHE, 2023). O ataque à multiplicidade do erótico é crucial para uma lógica na qual o trabalho deve ser a fonte de todos os prazeres; diante disso, o discurso dominante controla os desejos do corpo e desloca-os para segundo plano diante do ímpeto do trabalho disciplinado.

Da mesma forma, em um governo que prioriza a vida, e não mais a morte, o controle da natalidade também aparece enquanto outra ferramenta política central de manutenção da lógica do mercado. Priorizando a vida para discipliná-la, é importante ressaltar que nem toda vida importa para o sistema operante, que exclui e marginaliza o preto, a mulher, o corpo dissidente da cisheteronormatividade, o pobre e o trabalhador. No jogo político, esses corpos são ditos "menores", vidas sem valor, remetendo ao conceito de Achille Mbembe, que expande a biopolítica para a necropolítica, que aponta para esses seres marginalizados com políticas de morte (MBEMBE, 2018). Isso aparece também de maneira estatística: cerca de 67,1% dos assassinatos de pessoas LGBTQIAPN+ são mulheres, de acordo com o Atlas da Violência (CERQUEIRA; BUENO, 2024). Segundo o Conselho Nacional de Justiça, entre os números de feminicídio, 37,5% são mulheres brancas e 62% negras (MOURA, 2022). Entende-se, pois, que o corpo feminino é gerido na política de vida, mas nem toda mulher é necessária para o capitalismo, que suprime e tenta aniquilar qualquer existência que não seja produtiva ou componha o ideal branco hétero e cis.

Então, apontamos aí a localização dos dispositivos de sexualidade, articulados para atender aos objetivos burgueses de dominação, erguendo as colunas estruturais do império capitalista sobre os corpos jogados ao chão. Da caça às bruxas à criminalização do aborto, passando inevitavelmente pela alienação do corpo e disciplinarização do desejo, uma classe se utiliza de tais dispositivos para estabelecer e se manter como dominante. Esse fenômeno reforça a importância dos discursos sobre os corpos femininos e do jogo de forças que disputam seu controle — seja para explorar sua força de trabalho doméstica, produtiva, institucional ou psíquica. O poder do capital tenta se fazer onipresente e panóptico, se produzindo e reproduzindo a cada instante, disciplinando e alienando o corpo e o inconsciente.

No entanto, o discurso de invencível unidade do capitalismo também serve ao propósito colonizador, como quem diz "Eu ganhei, você perdeu, renda-se". E, realmente, a

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

experiência apocalíptica da atualidade não dissolve a sensação cansativa e melancólica de derrota do corpo e da subjetividade proletária. Porém, na disputa discursiva há forças para todos os lados, mesmo que vinda de um corpo dito menor. É preciso encarar a jaula com seriedade: suas grades são reforçadas e os carcereiros muito atentos. O jogo que o poder foucaultiano nos coloca é complicado, pois, da mesma maneira que podemos pensar estar escapando, podemos estar aprisionando o outro ou a nós mesmos; esta análise possui muitos becos (CRÍSTIAN, 2000). Isso implica em um dispêndio das energias que leva a exaustão, estar sempre de guarda e lutando contra uma nova reorganização do poder que leve a governos e gerenciamentos de vida fascistas. A história dessas reconstruções foi aqui apresentada, desde a caça às bruxas e o novo mandato de Donald Trump, o corpo está sendo invadido, moldado em jaulas; os discursos mudam para tentar esconder suas reais intenções, então além da perseverança é preciso atenção. O sussurro da afirmação da "essência biológica" do homem e da mulher já demonstra que esse discurso não pretende ser inclusivo, mas segregatório.

Deleuze e Guattari alertavam em seu primeiro platô: "Na verdade, não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. [...] É preciso fazer o múltiplo" (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Logo, podemos tomar tais indicações como um limite a ter em mente: as genealogias e lutas que se travam contra o poder fascista, devem fazer da multiplicidade da vida sua prática, não uma ideia qualquer. É encontrar nas dobras do poder, nas resistências, forças para se reinventar e não afirmar essências (CRÍSTIAN, 2000). É preciso muito fôlego para isso, portanto, não é de se assustar quando muitos se rendem ao jogo. No entanto, é preciso resistir e se revoltar: dar-se por vencido é entregar as rédeas de um corpo que ainda sente, pensa, sofre, e luta. Existe potência na permanente insistência.

### 2.2. Caminhos da raiva revolucionária

Entende-se, pois, as diversas maneiras como o jogo de dominação se exerce sobre o feminino; como o corpo da mulher foi alçado a esse estatuto de dizibilidade e visibilidade, enunciando verdades na existência feminina que deram e ainda dão a base para a manutenção da sociedade capitalista. Tendo em vista as análises de Foucault (1983), ressaltamos que o corpo ganha uma outra função na nova organização social, no qual o poder se expressa através de um governo do bios e do controle da vida, destacando que é nas expressões corpóreas que se exerce a disciplina e se marca a existência política. Sob essa mesma ótica, Federici (2023) aponta a centralidade da figura da mulher nesse jogo, no qual sua sexualidade, e, consequentemente, o


Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

potencial de natalidade são constantemente alvos de ferramentas de dominação. O estabelecimento de um papel feminino e o enquadramento agressivo das mulheres nesse lugar é crucial para o funcionamento de um sistema político, social e econômico que se sustenta através da hierarquia e do disciplinamento de corpos. Não à toa, no contexto político brasileiro, essa disputa de forças ainda se perpetua, pois, ao criminalizar o aborto, controla-se o corpo feminino, e o reduz a mero portador de uma nova mão de obra, recolocando em prática a disciplina e a produtividade requeridas pelo complexo de saber-poder que inunda a mulher.

Entretanto, não devemos encarar a genealogia aqui traçada com melancolia ou passividade; pelo contrário, precisamos tomar conhecimento desses dispositivos de poder e agir. Não como Pedro Vermelho (KAFKA, 1994), que optou pela obediência, mas sim como Preciado, enfrentando a 'jaula' e buscando formas de subverter essa dominação do feminino. As veredas que nos apontam caminhos de resistência podem ser encontradas nas palavras de Audre Lorde (2019), que aponta a canalização da raiva enquanto uma das possibilidades de libertação. A existência feminina é permeada por investidas constantes dos dispositivos de gênero e sexualidade, que trabalham de forma a dar prosseguimento aos papéis submissos que se impõem sobre as mulheres. Segundo Lorde (2019), a raiva deve aparecer nesse esquema não apenas como reação a essas violências constantes, mas como instrumento político a ser canalizado a favor da união do movimento feminista e da luta pela libertação. A raiva feminina, então, tem o potencial de ser uma potente ferramenta em resposta a essa organização hierárquica que se constrói através de dispositivos, como a caça às bruxas, de forma a ser um ponto de encontro entre a diversidade feminina e um combustível para sua força política.

O capitalismo emprega uma série de processos disciplinares que objetivam o domínio e a manipulação dos sujeitos, de forma a aprimorar o potencial produtivo. Nesse sistema, o próprio corpo torna-se uma mercadoria, alvo de incessantes investidas por parte dos dispositivos de poder que sustentam essa nova organização política. Como produto disso, a existência é profundamente modificada, impactando visceralmente a vida psíquica. Sob essa ótica, compreendemos que o sistema capitalista opera na intenção de produzir sujeitos enjaulados, disciplinados e enquadrados. A figura feminina, fundamental nesse processo, é um alvo sobre o qual o poder atua na tentativa de produzir uma determinada “subjetividade-mulher” que, adequadamente, seja submissa, obediente e dócil. No entanto, ressaltamos que, apesar da compreensão dessas forças que incidem sobre a vida, é importante não pensar tais percepções como fatídicas: a libertação das mulheres não é apenas possível, mas também crucial para a conquista de uma sociedade mais igualitária e saudável. Diante disso, apontamos o encontro através da raiva como uma das ferramentas possíveis para um movimento feminista subversivo, que busque


Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

romper com a lógica capitalista para criar um novo futuro. A raiva, enquanto instrumento de luta, se mostra como um possível ponto de encontro entre as mulheres, que possibilitará o impulsionamento do movimento e a potencialização da força feminina revolucionária, de forma a transformar radicalmente o contexto político.

> Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem à habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas (Lorde, 2019, p. 161).

Sob essa ótica, a raiva, que inunda a existência da maioria, se não de todas as mulheres proletárias, pode ser modificada, apropriada em função de uma luta, de um propósito em comum. Essa estratégia é poderosa, pois desvia as mulheres do medo de sua própria raiva, dos papéis dóceis e submissos, possibilitando uma nova posição ativa e reativa diante das correntes que tentam aprisionar o feminino. A utilização da raiva enquanto ferramenta política depende de um importante empreendimento por parte do movimento feminista, que deve buscar canalizar esse sentimento de modo que não seja mais destrutivo, e sim criativo, de forma a ser transformado em potência e força. Ao mesmo tempo, enquanto Lorde (2019) aponta que a ira é algo sentido por todas as mulheres, ela pode ser também um ponto de união do movimento, representando uma motivação em comum que fortaleça a aliança feminina e possibilite o encontro e a compreensão mesmo na diferença.

Dessa forma, a politização da raiva resulta não apenas na quebra do contrato do papel de gênero feminino ─ benevolente, obediente e resignado ─, mas na afirmação de um lugar criativo e revolucionário, no qual a invenção da existência esteja mais conectada ao desejo libertador e não a uma estrutura capitalista patriarcal normativa. E, tendo em vista a união fomentada pela revolta, fala-se aqui de um modelo de vida não narcísico, pois o desejo em si já é coletivo e agenciador e não pode apagar o outro de sua gênese. A ira feminina é uma ferramenta de aliança, mudança e libertação.

### 2.3. Considerações finais: horizontes para além das grades

Munidos dessa perspectiva, apontamos que é necessário desfrutar de uma potência positiva, não alimentando os discursos desistentes que visam apenas abater nossa força com discursos negativos, melancólicos ou ontologicamente faltosos. Enquanto a experiência do presente pode ser angustiante, tendo em vista a ascensão de movimentos que ameaçam os direitos


Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

das mulheres e de outros grupos minoritários, não devemos nos enfraquecer. A raiva, instrumento político apontado por Lorde (2019), não é apenas um dos caminhos possíveis para a libertação, mas representa também uma resistência, um descontentamento com a organização política que controla e reprime o potencial dos corpos. Apesar das violentas investidas, essa ira brota das falhas e rachaduras no poder vigente. Dessa maneira, cada reação raivosa diante das absurdas leis promulgadas pelos governos autoritários em ascensão, cada mulher que sente raiva diante das agressões que permeiam sua existência, representa uma faísca que fomenta a chama da resistência, que deve ser canalizada para a organização da luta revolucionária.

Em conclusão, os dispositivos de gênero e de sexualidade confinam a existência feminina através do controle da corporeidade. Essas investidas fazem parte de um projeto político capitalista de captura da existência, que trabalha a favor da docilização dos sujeitos e da maximização da produção. Dentre os dispositivos, o processo de generificação que limita a diversidade faz parte do jogo, no qual os papéis de gênero funcionam como uma jaula para a subjetividade, confinando a potência dos corpos em uma dinâmica que objetiva o controle dos sujeitos. Aqui, apontamos como o poder discursivo sobre o corpo feminino trabalha para mantê-lo subalterno e (re)produtivo, embasando a manutenção do capital. Apesar de cruéis e dominantes, a compreensão desses mecanismos não deve resultar apenas em desesperança: entender as ferramentas de opressão possibilita caminhos que apontam para as saídas das jaulas.

Assim, a raiva aparece como uma potente ferramenta de oposição, facilitando a união revolucionária das mulheres proletárias, visando a libertação do lugar submisso no qual elas foram violentamente enquadradas ─ seja na casa de família, na fábrica, na escola, nos hospitais ou no manicômio. Compreendemos a revolta como uma resposta às opressões que permeiam a existência feminina, podendo ser canalizada, transformada em potência, força para lutar e combater essa lógica aprisionante. Tal movimento nos aproxima de um desejo revolucionário, que não deve atender às expectativas da classe dominante, mas sim à corporeidade da trabalhadora, abrindo o leque de sua potência criativa e de vida, como um rizoma. Cada mulher enraivecida representa uma rachadura na solidez do poder capitalista ─ uma centelha de resistência, um impulso para possibilitar a libertação.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Tradução de Sérgio Milliet.

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

BOECHAT, Gabriela. Aborto no Brasil: linha do tempo mostra lei praticamente inalterada desde 1940. *CNN Brasil*. Brasília, 23 jun. 2024. Política. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/aborto-no-brasil-linha-do-tempo-mostra-lei-praticamente-inalterada-desde-1940. Acesso em: 18 fev. 2025.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2024*. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031. Acesso em: 20 fev. 2025.

CRÍSTIAN, Antonio. *Sujeito e laço social: a produção de subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 55-64.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 232. Tradução de Peter Pál Pelbart.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002. p. 144. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. *In:* DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. Cap. 1. p. 10-36. Tradução de Aurélio Guerra Neto.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194. Tradução de Renato da Silveira.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. 2. ed. São Paulo: Elefante, 2023. p. 480. Tradução de Coletivo Sycorax.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. Tradução de Lígia M. Pondé Vassallo.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. Tradução de Maria Thereza da Costa de Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996. Tradução de Roberto Machado.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de Maria Ermantina Galvão.

G1. 'Agora só existem dois gêneros: masculino e feminino', diz Trump em discurso de posse. *G1*. 20 jan. 2025. Mundo. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/20/agora-so-existem-dois-generos-masculino-e-feminino-diz-trump-em-discurso-de-posse.ghtml. Acesso em: 18 fev. 2025.

KAFKA, Franz. *Um médico rural*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Tradução de Modesto Carone.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. *In:* LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 157-171. Tradução de Stephanie Borges.

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018. Tradução de Renata Santini.

MORAES, Marcos Vinicius Malheiros. Genealogia - Michel Foucault. *In: Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: http://ea.fflch.usp.br/conceito/genealogia-michel-foucault. Acesso em: 15 fev. 2025.

MOURA, Ana. Violências, racismo e sexismo aprofundam abismo social de negras brasileiras. *CNJ - Conselho Nacional de Justiça*, 2022. Disponível em: https://x.gd/00m7A. Acesso em: 20 fev. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores), 1987. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a genealogia da moral: um escrito polêmico*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2023. Tradução de Renato Zwick.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a. Tradução de Carla Rodrigues.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b. p. 11. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

WITTIG, Monique. O pensamento hétero. *In:* WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 55-67. Tradução de Maíra Mendes Galvão.

# *La mujer en la jaula del capital: el cuerpo femenino como campo de disputa*

**Resumen**

Frente a las amenazas contemporáneas a los derechos de las mujeres y al ascenso de una ola neoconservadora global, este trabajo analiza, mediante una revisión bibliográfica de carácter genealógico, los dispositivos de poder que estructuran la dominación de lo femenino. A partir de un diálogo con Foucault, Preciado, Federici y Wittig, se argumenta que el cuerpo femenino es un territorio estratégico, blanco de tecnologías de poder que buscan controlar sus potenciales —especialmente el trabajo (re)productivo— para el mantenimiento y la reproducción del orden capitalista. El análisis abarca desde la caza de brujas hasta la actualidad, demostrando cómo la subalternización de lo femenino es un pilar de este sistema. Finalmente, se concluye que la comprensión de estos mecanismos de opresión es el paso fundamental para la articulación de prácticas de resistencia, con el objetivo de emancipar el cuerpo y la subjetividad de las estructuras que los confinan.

**Palabras clave:** Capitalismo; Cuerpo; Discurso; Dispositivo; Femenino.

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2744 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

# *La femme dans la cage du capital : le corps féminin comme terrain de dispute*

**Résumé**

Face aux menaces contemporaines contre les droits des femmes et à la montée d'une vague néoconservatrice mondiale, ce travail analyse, au moyen d'une revue bibliographique à caractère généalogique, les dispositifs de pouvoir qui structurent la domination du féminin. À partir d'un dialogue avec Foucault, Preciado, Federici et Wittig, il est soutenu que le corps féminin est un territoire stratégique, la cible de technologies de pouvoir visant à contrôler ses potentiels — notamment le travail (re)productif — pour le maintien et la reproduction de l'ordre capitaliste. L'analyse s'étend de la chasse aux sorcières à nos jours, démontrant comment la subalternisation du féminin est un pilier de ce système. Enfin, il est conclu que la compréhension de ces mécanismes d'oppression est l'étape fondamentale pour l'articulation de pratiques de résistance, visant l'émancipation du corps et de la subjectivité des structures qui les confinent.

**Mots-clés:** Capitalisme; Corps; Discours; Appareil; Féminin.

# *The woman encaged in the capital: the female body as a field of dispute*

**Abstract**

In the face of contemporary threats to women's rights and the rise of a global neoconservative wave, this paper analyzes, through a genealogical literature review, the apparatuses of power that structure the domination of the feminine. Drawing on a dialogue with Foucault, Preciado, Federici, and Wittig, it is argued that the female body is a strategic territory, a target of technologies of power aimed at controlling its potentials—especially (re)productive labor—for the maintenance and reproduction of the capitalist order. The analysis spans from the witch hunts to the present day, demonstrating how the subalternization of the feminine is a pillar of this system. Finally, it concludes that understanding these mechanisms of oppression is the fundamental step towards articulating practices of resistance, aiming for the emancipation of the body and subjectivity from the structures that confine them.

**Keywords:** Capitalism; Body; Discourse; Device; Feminine.

Histórico do artigo:
Submetido em: 12/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025